

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
O Badejo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

O Badejo

Publicado originalmente em 1898.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 487



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*O Bajejo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014

O BADEJO

COMÉDIA EM TRÊS ATOS, EM VERSO

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro São Pedro de Alcântara, no dia 15 de outubro de 1898, por iniciativa do CENTRO ARTÍSTICO pelo corpo cênico do ELITE-CLUB.

*Ao
Doutor João do Rego Barros*

AMIGO DA ARTE E DOS ARTISTAS

O.D.C.

Artur Azevedo

PERSONAGENS

JOÃO RAMOS
LUCAS
BENJAMIN FERRAZ
CÉSAR SANTOS
UM COZINHEIRO
UM COPEIRO
AMBROSINA
DONA ANGÉLICA

*A cena passa-se no Rio de Janeiro.
Atualidade.*

ATO PRIMEIRO

Sala de visitas, bem mobiliada, em casa de João Ramos. Três portas ao fundo, dando para o jardim. Uma porta à direita comunicando com a sala de jantar e outra à esquerda, dando para os dormitórios. À esquerda uma mesa com álbuns, porta-cartões, etc. À direita um sofá. Consolo ao fundo. Piano. Cadeiras.

CENA I

JOÃO RAMOS (*Só.*)

RAMOS (*Só.*) O almoço com certeza vai custar-me
Uns duzentos mil réis, afora os vinhos;
Mas se caso a Ambrosina, ainda é barato,
Porque muito me custa a senhorita.
Das minhas rendas a metade vai-se
Em vestidos, chapéus, leques e luvas,
Espetáculos, bailes e concertos;
Ela casada, cessam tais despesas;
É preciso, porém, que o noivo seja
Um rapaz sério e não nenhum pelintra
Que deseje viver à minha custa:
Pior seria a emenda que o soneto.
Mas não são as despesas que me ralam;
Não sou unhas-de-fome, Deus louvado;
Rala-me a idéia de bater a bota,
E deixar a pequena sem marido,
Exposta sabe Deus a que perigos!
Dirão que meto minha filha à cara
Dos pretendentes; ora adeus! que o digam!
A Ambrosina já fez vinte e dois anos:
É tempo de arranjar-lhe casamento.

CENA II

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, o COZINHEIRO.

ANGÉLICA

Ora aqui tens o nosso cozinheiro.
Desejavas ouvi-lo: aqui to trago.
Entra, Fabrício.

(O cozinheiro entra.)

Quer saber teu amo.
O que arranjaste para o almoço. Fala.

O COZINHEIRO

Não pode ser melhor o meu cardápio.

RAMOS

Cardápio? Não conheço essa palavra!

O COZINHEIRO

Foi arranjada pelo Castro Lopes.
Eu não digo *menu*, que é francesismo.

RAMOS

Temos um cozinheiro literato!

O COZINHEIRO

Literato não sou, mas sou purista;
Embirro com palavras estrangeiras.
Hoje, que tudo se nacionaliza,
Nacionalize-se a cozinha!

RAMOS

Bravo!

O COZINHEIRO

Eu, diante do fogão, diante do forno,
Sou até jacobino!

RAMOS

Jacobino?

Lá como cozinheiro pode sê-lo,
Mas tão somente como cozinheiro,
Pois, conquanto eu viesse com dez anos
Para o Brasil, sou português, entende?
Jacobinos dispenso em minha casa!

O COZINHEIRO

Sou jacobino apenas cozinhando.

RAMOS

Pois cozinhando não devia sê-lo:
Você é um artista!

O COZINHEIRO

Eu, um artista?

RAMOS

Sim, um artista da arte culinária,
E a arte não tem pátria! Porém,
vamos...
Diga lá o que temos para o almoço.

O COZINHEIRO

Em primeiro lugar os acepipes.

Hors-d'oeuvres não direi nem que me rachem!

Temos uma salada de lagostas.

RAMOS

Muito boa lembrança. Que mais temos?

O COZINHEIRO

Sardinhas, azeitonas, rabanetes,

Manteiga fresca...

RAMOS

E além dos acepipes?

O COZINHEIRO

Um enorme badejo.

ANGÉLICA

Que badejo!

Tão grande nunca vi!

RAMOS

E está bem fresco?

ANGÉLICA

Vivo à casa chegou.

O COZINHEIRO

Soltou, coitado,

Nas minhas mãos o derradeiro alento!

De camarões uma fritada temos,

Um primor culinário! Três galinhas

De cabidela. Espargos em manteiga.

E, para terminar, um bom churrasco.

Sorvetes de caju, frutas à ufa,

Queijo do reino, requeijão de Minas,

Baba de moça e doce de laranja.

Se não satisfizer este cardápio,

Que a espada de Vatel me arranque a vida

À exceção dos espargos e do queijo,

O meu almoço é todo brasileiro!

RAMOS

Mas a vinhaça é toda portuguesa:
Bucelas para acompanhar o peixe,
Depois Colares da viúva Gomes,
Vinho do Porto para a sobremesa
E duas garrafinhas de Champanha
Da marca Assis Brasil.

O COZINHEIRO

Estou contente,
Pois vejo que o Brasil também figura
Muito embora num rótulo.

ANGÉLICA

E os licores?

RAMOS

Deve ter vindo do armazém do Castro
Uma garrafa de Beneditinos.

(Ao cozinheiro.)

Bom. Pode retirar-se, e se o almoço
Ao meu gosto estiver, conte comigo.

O COZINHEIRO

Nenhuma recompensa mais desejo
Que salvar os meus créditos de artista...

RAMOS

Da arte culinária. Vá s'embora.

(O cozinheiro vai se retirando.)

É verdade. Ouça cá. Diga ao copeiro
Que se apresente, pra servir a mesa,
Encasacado e de gravata branca.

(O Cozinheiro sai.)

CENA III

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA.

ANGÉLICA

Espero agora que afinal me contes
A história deste almoço.

RAMOS

É muito simples.

Lembras-te que no baile do Cassino,
O César Santos, moço encaminhado,
Com porcentagem numa casa forte,
Namorou nossa filha à rédea solta?

ANGÉLICA

E depois desse baile, muito embora
Nós moremos tão longe da cidade,
Muitas vezes nos passa pela porta,
E até parado fica ali na esquina.

RAMOS

Muito bem. Dize mais: não te recordas
Que, quando fomos ao Teatro Lírico,
Ao benefício da Maragliano,
O Benjamin Ferraz, que é moço rico,
Estava na platéia e não tirava
Do nosso camarote os olhos lânguidos?
E acabado o espetáculo, correndo
Postou-se à porta pela qual saímos,
E suspirou quando passou por ele
Ambrosina?

ANGÉLICA

Um suspiro escandaloso,
De olhos voltados e de mão no peito!

RAMOS

E ele não passa pela nossa porta?

ANGÉLICA

Todas as tardes passa, embora chova.
O outro passa de bonde e este a cavalo.

RAMOS

Pois eu, sabendo dessas passeatas,
Embora tu não me disseses nada,
Como os achei à mão, ambos, anteontem,
Por mero acaso, na confeitaria,
Fi-los sentar-se à mesa em que eu me achava,
Paguei-lhes o vermute, apresentei-os

Um ao outro, mostrei-me muito amável,
E lembrei-me afinal de convidá-los
Para almoçar conosco hoje, domingo.

ANGÉLICA

Porém com que intenções os convidaste?

RAMOS

Minha amiga, bem sabes que os bons noivos
Difícilmente conquistar-se podem
Vendo-os passar no bonde ou no cavalo;
É preciso atraí-los; casamentos,
É de portas a dentro que se arranjam.
Se teu pai não me houvesse convidado
Para jantar na casa dele um dia,
Por sinal que era o dia dos teus anos,
Talvez não nos casássemos tão cedo;
Mas convidou-me e, por cautela, à mesa,
Ao lado teu me fez ficar sentado.
Quando veio o peru, éramos noivos;
Tratavas-me por tu à sobremesa;
Um mês depois estávamos casados,
E dez meses depois éramos três!

ANGÉLICA

Mas meu pai convidou-te a ti somente.
E tu a dois convidas...

RAMOS

O que abunda
Não prejudica, diz o velho adágio.
Teu pai não era tolo, minha amiga,
Apesar de ter sido sapateiro,
E se não estava outro mancebo à mesa,
É que não tinhas outro namorado...

ANGÉLICA (*Rindo.*)

Sabes tu lá se o tinha ou se o não tinha!

RAMOS

Com este almoço dois coelhos mato
De uma só cacheirada!

ANGÉLICA

És econômico!

Para dois namorados, dois almoços!

RAMOS

Se fossem vinte, vinte almoços? Boas!

Colocada a Ambrosina entre os dois jovens,

Escolher poderá muito à vontade.

ANGÉLICA

Mas é preciso preveni-la disso.

RAMOS

Justamente ela aí vem. Vamos falar-lhe.

CENA IV

RAMOS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA.

AMBROSINA

A bênção, papai? Bom dia!

RAMOS

Deus te abençoe, minha filha.

Mas como tu vens casquilha!

Há muito que não te via

Tão enfeitada e catita!

AMBROSINA

Oh! Admira-se? Entretanto,

Ontem papai pediu tanto

Que me fizesse bonita!

Vê como estou imponente?

Que tal acha o meu vestido?

RAMOS

Muito espantado.

AMBROSINA

Duvido

Que papai diga o que sente.

RAMOS

De modas eu não entendo;
Sou ferragista, e asseguro
Que tenho juízo seguro
Sobre o que compro e o que vendo.
Quando alguém conhecer queira
A qualidade de um prego,
As minhas luzes não nego,
Posso falar de cadeira;
Mas quanto a farandulagens,
Fitinhas, laços, tetéias,
Sou muito curto de idéias!
Cá comigo é só ferragens!
Mas, minha filha, acredita,
Quando o contrário suponhas:
Com qualquer trapo que ponhas,
Acho-te sempre bonita.
(Dá-lhe um beijo.)
Bom. Temos que conversar
Sobre outro assunto, faceira.
Senta-te nesta cadeira;
Entre nós dois vais ficar.

(Coloca três cadeiras no proscênio; a do centro para Ambrosina, a da direita para Angélica, e da esquerda para si. Sentam-se todos três. Pausa.)

Fala, Angélica!

ANGÉLICA
Ora essa!
Fala tu!

RAMOS
Tu!

ANGÉLICA
Tu!

RAMOS
Mulher,
Olha que eu não sei sequer
Por onde é que é que se começa!

AMBROSINA
É coisa grave?

RAMOS

Oh! bem grave!

ANGÉLICA

Anda! é o princípio que custa!

AMBROSINA

Tanta hesitação me assusta!

RAMOS

Não é nada que te agrave:

Trata-se de casamento.

AMBROSINA

De casamento?

RAMOS

É verdade!

(Embaraçado e muito comovido.)

Menina, chegaste à idade...

Chegaste ao feliz momento...

A felicidade tua

É o nosso constante fito,

E nós...

(Passando os dedos nos olhos.)

Lágrimas?... Bonito!...

(A Angélica.) Agora tu continua.

ANGÉLICA

Valha-te Deus! que maricas!

Por qualquer coisa tu choras!

Vamos! basta de demoras!

RAMOS

Eu... tu... eu...

ANGÉLICA

Vê em que ficas!

(Arremedando-o.)

Eu... tu... eu...

RAMOS

Então que queres?
Nem eu ousa, nem tu ousas!
Fala tu: para estas coisas
Têm mais talento as mulheres!

ANGÉLICA

Minha filhinha, teu pai
Convidou para um almoço
Aquele moço...

AMBROSINA

Que moço?

RAMOS Dize-lhe o nome.

ANGÉLICA Lá vai:

O César Santos?... Aquele
Que toda a tarde passeia
No bonde das cinco e meia?...

AMBROSINA

Sei quem é.

RAMOS

Tu gostas dele?

AMBROSINA

Eu não gosto nem desgosto...

ANGÉLICA

E foi também convidado
Aquele outro namorado?..
Quem é já sabes, aposto!

RAMOS

Dize o nome!

ANGÉLICA

Espera lá!
Ou falas tu ou eu falo!

RAMOS

Bom.

ANGÉLICA

Aquele do cavalo?

RAMOS (*Fingindo que está montado a cavalo.*)

Hein? Patati, patatá!

AMBROSINA

O Benjamin?

ANGÉLICA

Justamente:

O Benjamin.

RAMOS

Desse gostas,

Ou não gostas nem desgostas?

AMBROSINA

Sim... não... É-me indiferente!...

Ambos à casa hoje vêm,

Pra que eu escolha?...

RAMOS

Decerto.

Examina-os bem de perto;

Vê qual dos dois te convém.

AMBROSINA

Oh! nenhum deles me traz

À vida novos encantos...

RAMOS

Sim?

AMBROSINA

Nem o tal César Santos,

Nem o Benjamin Ferraz.

ANGÉLICA

Mas tu gostas de outro?

AMBROSINA

Não.

Não acho quem me cative;
Até hoje nunca tive
Cuidados no coração.
Quando o César Santos passa,
E eu estou acaso à janela,
Não fujo... não saio dela...
Ele sorri... Acho graça...
Faz mal que eu também sorria?...
Namoro?... talvez que o seja;
Mas nisso amor ninguém veja...
Quando muito é simpatia.

ANGÉLICA

Filha, lá disse o poeta:
“Simpatia é quase amor” ...

RAMOS

Pois seja o poeta quem for,
Disse uma asneira completa!
Não foi Camões com certeza!

ANGÉLICA

Foi Casimiro de Abreu

RAMOS

Uma tolice escreveu;
Digo-o com toda a franqueza!

AMBROSINA

Quando passa o Benjamin,
Montado no seu cavalo,
E, sem tenção de esperá-lo,
Vejo-o sorrir para mim,
Eu lhe sorrio também...
Mas... que exprime este sorriso?
Que com ele simpatizo...
E papai diz muito bem:
Não é este sentimento
Um quase amor. Que esperança!
Minhalma livre descansa,
Descansa o meu pensamento!
Não me persegue o desejo
De os ver passar pela porta.
E quando os vejo, que importa?

Que importa quando os não vejo?
Se papai julga que devo
Desde já mudar de estado,
Antes que tenha falado
Meu coração, não me atrevo
A contrariá-lo, oh! não!...
Mas entre os dois pretendentes,
Ambos pessoas decentes,
Não faço a menor questão.

RAMOS (*Erguendo-se.*)
Bravo!
(*Ambrosina e Angélica também se erguem.*)

AMBROSINA
Papai, se quiser,
Estude, examine, escolha;
Mas permita que eu me encolha...

RAMOS
Qualquer te serve?

AMBROSINA
Qualquer.
(*Lucas entra como um raio. Surpresa geral. Alegria.*)

CENA V

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS
Que Deus esteja nesta casa!

TODOS (*Contentes.*)
O Lucas!

LUCAS
O Lucas, sim, que, sem mandar aviso,
Abalou de São Paulo ontem cedinho,
Passou parte da noite num teatro,
Dormiu no Grande Hotel, onde espichado
Na cama, refletiu: de manhã cedo
Tomo o meu banho, faço a minha barba

E ao palacete vou do velho Ramos
Causar uma surpresa àquela gente.
Como é domingo, encontro o velho em casa
E chego a tempo de papar-lhe o almoço.

RAMOS

Fizeste bem, rapaz, mas que diabo!
Devias começar por abraçar-nos...
(Abraçando Lucas.)
Assim! Aperta-me estes velhos ossos!

LUCAS

As saudades são tantas, que receio
Esmagá-lo!

RAMOS

Esmagar-me? Então tu julgas
Que assim se esmague um português valente?

ANGÉLICA *(Abrindo os braços.)*

Eu também quero o meu abraço!

LUCAS

É justo.

ANGÉLICA

Mas vê lá: não me esmagues!

LUCAS

Oh!descanse!

Muito bem sei como se abraçam damas!

(Abraça-a.)

ANGÉLICA

Agora, abraça a tua irmã de leite.

LUCAS

Ambrosina! Meus Deus! nestes três anos
Que diferença fez!

RAMOS

Desenvolveu-se...

Deitou corpo... cresceu...

LUCAS

Que diferença!

Deixo um fedelho e encontro uma senhora,
E mais linda que um anjo! Isto é possível...

ANGÉLICA

Bem sabes que ela tem a tua idade!

RAMOS

Abraça-a, vamos!

LUCAS

Não! eu não me atrevo!

Na minha idade já se não abraçam

Moças da minha idade...

ANGÉLICA

Ora que tolo!

LUCAS

Só num jogo de prendas, por sentença!

AMBROSINA

Sou tua irmã.

LUCAS

És minha irmã de leite.

Essa irmandade não me impediria

De casar-me contigo...

(Comicamente cerimonioso.)

Enfim, senhora,

Como de Vossa Excelência os pais ordenam,

Venha esse abraço!

AMBROSINA *(Lançando-se nos braços dele.)*

E esmaga-me, se queres!

Como está mamãezinha?

LUCAS

Boa e fera;

São seu único mal saudades tuas.

Mandou-te umas lembranças de São Paulo.

ANGÉLICA

É sempre a mesma tua mãe!

LUCAS

Coitada!

Não quis que eu viesse ao Rio de Janeiro,
Sem coisinhas trazer para Ambrosina;
E durante a viagem vim comprando
Tudo quanto se encontra no caminho:
Queijos de Itatiaia e Campo Belo,
E beijus de Belém. Essas lembranças
Lá estão no Grande Hotel.

RAMOS

Por que motivo

Não vieste hospedar-te em nossa casa?

Pois não sabes que é teu tudo que é nosso?

LUCAS

Bem sei, mas receava incomodá-los.

TODOS

Oh!

LUCAS

Demais, moram longe da cidade,
E eu a negócio vim, não a passeio.

RAMOS

E a casa como vai!

LUCAS

De vento em popa!
Se a coisa prosseguir como tem ido,
Eu serei, num futuro não remoto,
Quase tão rico como o velho Ramos!
(Dá uma pequena pancada no ventre de Ramos.)

RAMOS *(Rindo.)*

O velho Ramos não é rico.

LUCAS

É rico;

Mas tem o sestro de dizer que é pobre,
Porque receia que lhe peçam chelpa.

RAMOS

Que grande malcriado me saíste!

LUCAS

Mas que me importa a mim o velho Ramos?

Bem se me dá que seja rico ou pobre!

(Tomando ambas as mãos de Ambrosina.)

Quem me interessa és tu, és tu somente,

Minha querida irmã, que tanto prezo!

(Com certa hesitação na voz.)

Então? quando se faz este casório?

Já deves ter um noivo, ou, pelo menos,

Um namorado, ou dois... Com esses olhos,

E essa boca de fada, e esta elegância,

E este pai, apesar de não ser rico,

Deves ter pretendentes aos cardumes!

AMBROSINA

Tenho dois namorados.

LUCAS *(Com um sorriso forçado.)*

Dois apenas?

AMBROSINA

Pode ser que outros haja, mas ignoro.

RAMOS

Não podias chegar mais a propósito:

Hoje vêm ambos almoçar conosco.

AMBROSINA

Convidou-os papai, para que eu possa,

Depois de examiná-los bem de perto,

Escolher o que deva ser meu noivo;

Mas eu já disse que nem de um nem de outro

Faço questão, e escolha qualquer deles.

LUCAS

Que singular filosofia a tua!

Mas quem são esses dois rivais famosos?

RAMOS

O Benjamin Ferraz e o César Santos.

LUCAS

Não conheço.

RAMOS

Vais vê-los dentro em pouco.
São dois tipos um do outro bem diversos.
O César Santos, guarda-livros hábil,
Interessado está numa das casas
Mais importantes desta praça; é moço
Ajuizado, refletido e sério;
Tem feito economias, e de parte
Já pôs alguns vinténs; possui dois prédios.
O Benjamin Ferraz é muito rico:
Herdou dos pais e ainda há de herdar dos tios,
Que fazendeiros são. Monta a cavalo,
Veste-se muito bem, e desconfio,
Pela sua maneira de exprimir-se,
Que literato ele é nas horas vagas.

LUCAS

E nas que não são vagas esse moço
Em que se ocupa?

RAMOS

Ora essa é boa! ocupa-se
Em ter muito dinheiro. Eu não conheço
Melhor ocupação.

LUCAS

Prefiro o outro.
(Mudando de tom.)
E por amor do guarda-livros hábil
E do janota que tão bem se exprime,
Temos então almoço ajantarado?

RAMOS

Lagostas... um badejo... uma fritada...
Galinhas... um churrasco... espargos, frutas,
Sorvetes, queijos, doces e mais doces,
E Bucelas, Colares e Champanha!

LUCAS

Não há que ver: tirei a sorte grande!
Eu vim ao cheiro de uns modestos bifés,
E caio em plenas bodas de Camacho!
Não esperava tanto!

RAMOS

Vai, Angélica,
Dar uma vista de olhos à cozinha,
E manda pôr mais um talher à mesa,
E vê lá se o copeiro pôs casaca.

ANGÉLICA

E tu, anda buscar na adega os vinhos.
(*Sai.*)

RAMOS

Tens razão. Já lá vou. Cá tenho a chave.
(*A Lucas.*)
Quando há comes e bebes nesta casa,
Ela trata dos comes e eu dos bebes.
Bom. Até logo. Ó minha filha, fica
Fazendo companhia ao nosso Lucas. (*Sai.*)

CENA VI

AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS

Com que então, vais casar?

AMBROSINA

Mas vê como estou fria...
Oh! pelo gosto meu mais tempo esperaria;
Porém papai não pensa infelizmente assim,
E, pelos modos, quer ficar livre de mim.

LUCAS

Não creias que teu pai de ti livrar-te queira:
Tem medo de morrer deixando-te solteira,
É o que é. A intenção é boa; apenas, eu
Me parece que o pior processo ele escolheu.

O tal César e o tal Benjamin vão pensar
Que o João Ramos a filha à força quer casar;
Mais prudente seria esperar que viesse
O noivo e não chamá-lo à casa, me parece.

AMBROSINA

Tens razão.

LUCAS

Não se mete à cara de ninguém
Noiva que, como tu, tanto atrativo tem.

AMBROSINA

Isso é bondade tua.

LUCAS

E se ao velho não falo
Deste modo, é porque não quero apoquentá-lo.
Tu bem sabes de quanto eu lhe sou devedor:
Ele foi para mim um grande protetor,
Tão amigo, tão bom, tão desinteressado,
Que um altar tem cá dentro e é para mim agrado.
Nas tristes condições em que eu ao mundo vim,
Se não fosse teu pai, que seria de mim?
Quando nasci, o meu já estava morto há meses;
Minha mãe a miséria, a fome algumas vezes
Sofreu, mas resistiu. Tu nasceras também;
Adoeceu tua mãe; era preciso alguém
Que as vezes lhe fizesse, e a minha então, coitada,
Que era pobre, tão pobre, e pobre envergonhada,
Sozinha neste mundo, ao deus-dará, sem pão,
Precisava de alguém que lhe estendesse a mão...
E foi, como faria uma africana escrava,
Contigo dividir o leite que eu mamava.

AMBROSINA

Pobre da mamãezinha!

LUCAS

Eu fui muito feliz,
E ela também: teu pai, meu pai fazer-se quis.
Nem eu nem minha mãe saímos desta casa
Que nos cobriu a nós como de um anjo a asa.
Quando cresci, o velho à escola me enviou

E depois no comércio emprego me arranjou.
Para São Paulo fui. Sou quase independente.
E a quem o devo? A ele... a ele unicamente.

AMBROSINA

De nada valeria o muito que te fez,
Se tu não fosse bom.

LUCAS

Não seria, talvez,
Tão bom, se ele não fosse a bondade em pessoa.
Isso é o que me fez bom, e isso é o que te fez boa.
Mas falemos dos dois namorados. Teu pai
Quer que escolhas; pois bem: examiná-los vai
Minuciosamente, e um dos dois com certeza
Preferirás ao outro ao sairmos da mesa.
Está dito?

AMBROSINA

Pois sim.

LUCAS

Por meu lado, eu também
Verei dos dois qual seja o que mais te convém.

CENA VII

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA.

RAMOS

Pronto! podem chegar os convidados!
No aparador alinham-se as garrafas,
E o diabo do copeiro, de casaca,
Parece até um cidadão conspícuo!

ANGÉLICA

Que bonito badejo é o rei da festa!...

RAMOS

Custou-nos vinte e cinco bagarotes
No mercado; não pode ser, portanto,
Um peixinho de pouco mais ou menos.
(*Esfregando as mãos.*)

Não tardam por aí os dois rapazes.

LUCAS

Eles que venham, porque estou com fome!
(*Toque de campainha elétrica.*)

RAMOS

Falai no mau...
(*Indo ao fundo e falando para fora.*)
Ó senhor César, entre!
(*Entra César Santos cerimoniosamente.*)

CENA VIII

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, CÉSAR SANTOS.

CÉSAR

Minhas senhoras... Senhor Ramos... Creio
Que esperar não me fiz por muito tempo.

RAMOS

Pontualíssimo foi, foi cavalheiro.
(*Apresentando.*)
Minha mulher.

CÉSAR

Minha senhora, folgo
De conhecê-la.

ANGÉLICA

E eu igualmente folgo.
Faça favor.

(*Toma-lhe o chapéu e a bengala, que vai colocar sobre um móvel, ao fundo.*)

RAMOS (*Mostrando Ambrosina.*)

É minha filha. O amigo
Há muito que a conhece. Já com ela
Dançou num baile do Cassino.

CÉSAR

É exato.
Foi uma honra que esquecer não pude,
Pois me deixou recordações bem doces.

AMBROSINA

(Cumprimentando.)

Agradecida.

RAMOS

O meu amigo Lucas.

Quase meu filho... Um filho malcriado,

Que ao pai não tem o mínimo respeito,

E lhe dá piparotes na barriga!

Mas é um herói! tem só vinte e dois anos

E é já negociante conceituado

Na praça de São Paulo!...

CÉSAR

Cavalheiro.

Consinta que lhe aperte a mão.

LUCAS

Não creia

No que lhe está dizendo o senhor Ramos.

Como lhe devo a posição que ocupo,

É muito exagerado a meu respeito,

Para dar mais valor ao seu trabalho.

CÉSAR

As coisas como vão lá por São Paulo?

LUCAS

Que coisas?

CÉSAR

Os negócios. Interessa-me

O comércio, e de nada mais cogito.

LUCAS

Os negócios vão bem.

CÉSAR

Não me parece;

A baixa do café tem sido o diabo,

E esperança não há de que tão cedo

Ele suba,

(A Angélica.) não acha Vossa Excelência?

ANGÉLICA

Senhor eu não entendo dessas coisas;
Só sei que tudo está bem caro agora,
E que um badejo, que custava dantes
Dez mil réis, quando muito, agora custa
Vinte e cinco mil réis!

CÉSAR

A carestia
Faz com que o povo sofra e sofra muito;
Mas o comércio sofre mais que o povo.
Na nossa praça a crise está medonha;
Muitas casas estão arrebitadas;
O câmbio esteve a cinco, é bem verdade,
E subiu depois disso a sete e meio,
Mas de novo tem ido para baixo,
E não há confiança nos efeitos
Do plano financeiro do governo.
Não acho que endireite a nossa praça,
Enquanto a taxa não subir a doze,
Pelo menos.
(*A Ambrosina.*) Não acha Vossa Excelência?

AMBROSINA

Eu nunca pude perceber o câmbio.

CÉSAR

Pois eu lhe explico: o câmbio representa...

RAMOS

E eu que não lhe ofereço uma cadeira?
Faz favor de sentar-se? Então? Sentemo-nos!
Tanto se paga em pé como sentado!
(*Sentam-se todos.*)
Mas sobre outros assuntos conversemos,
E deixemos tranqüilos os negócios.
Estes belos domingos foram feitos
Pra que a gente se esqueça da semana.

CÉSAR

Pois assunto não há que mais me agrade
Do que câmbio, café, preços-correntes...

RAMOS

Qual! isso é bom lá para baixo. Em casa
Gosto de ouvir falar de frioleiras.

LUCAS *(Baixo a Ambrosina.)*

Desconfio que o noivo não te serve.

RAMOS

Eu sou negociante de ferragens,
E por meu gosto, não teria em casa
Nem trincos, nem martelos, nem argolas,
Nem pontas de Paris, nem dobradiças,
Nem nada que lembrasse o meu comércio.
Quando aos domingos eu me sento à mesa,
Desgostam-me os talheres, acredite,
Porque os tenho na loja; na cozinha
Não entro, só para não ver panelas!
Causam-me horror grelhas e caçarolas!

ANGÉLICA

E a história do canário?

RAMOS

Ah! é verdade!
Lembras-te ainda? Estávamos casados
Havia um mês, se tanto. O pai da Angélica
Um canário mandou-lhe de presente.
Ela estimava-o. Muito bem. Pedi-lhe
Um belo dia que o mandasse embora!

CÉSAR

O canário não era ferramenta!

RAMOS

Não, mas era preciso dar-lhe alpiste,
E o alpiste naquele tempo sabe?
Vendia-se nas lojas de ferragens.
(Novo toque de campainha elétrica.)

ANGÉLIC

A Tocaram.

RAMOS *(Erguendo-se.)*

Bom! é ele com certeza! É o Benjamin Ferraz!
(*Vai ao fundo e fala para fora.*)
A casa é sua.

(*Erguem-se todos. Entra Benjamin Ferraz.*)

CENA IX

*AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, CÉSAR SANTOS,
BENJAMIN FERRAZ, depois um COPEIRO.*

BENJAMIN

Minhas senhoras... cavalheiros... peço
Mil perdões por chegar um pouco tarde.
Foi do meu alfaiate a culpa inteira.
Uma porção de tempo estive à espera
De uma sobrecasaca que não veio.

LUCAS (*À parte.*)

Começa mal...

BENJAMIN

Esta já tem três meses,
E já não está na moda; os figurinos
Sobrecasacas apresentam hoje
Fechadas mais em cima, e mais compridas,
Dando pelo joelho. Quando eu entro
Pela primeira vez em qualquer casa,
Com toda a correção quero ser visto,
Todas as regras sei do *savoir-vivre*.

(*A Angélica.*)

Depois deste cavaco indispensável,
Permita, Excelentíssima Senhora,
Que lhe ofereça a rosa mais bonita
Que esta manhã no meu jardim banhavam
As lágrimas do orvalho matutino.
A rainha das flores simboliza
A rainha do lar, a esposa honesta,
A carinhosa mãe!

RAMOS (*À parte.*)

Parece um brinde.

ANGÉLICA

Muito obrigada pelo seu presente.

BENJAMIN

Não há de quê minha gentil senhora.

(Angélica põe a rosa ao peito. Benjamin volta-se para Ambrosina.)

Para Vossa Excelência eu trouxe e espero

Que seja recebido com bondade

Este raminho de violetas brancas,

Também do meu jardim. Flores modestas,

Que o seu perfume docemente escondem.

Simbolizam a cândida inocência

Da bela virgem recatada e pura.

AMBROSINA

Agradecida.

RAMOS

À vista dos discursos.

Desobrigado estou de apresentar-lhe

Mulher e filha.

ANGÉLICA *(Tomando o chapéu e a bengala de Benjamin.)*

Com licença.

BENJAMIN

Graças.

RAMOS *(Indicando César.)*

Este já foi por mim apresentado.

BENJAMIN

Folgo de vê-lo.

RAMOS

O meu amigo Lucas.

É quase um filho.

LUCAS

Temos um fonógrafo?

RAMOS

Não tem ao pai o mínimo respeito...

LUCAS

E lhe dou piparotes na barriga;
Falta-me o *savoir-vivre*...

BENJAMIN

Oh, não! não creio!

LUCAS

Vim almoçar de jaquetão coçado!

BENJAMIN

Se é quase um filho, está no seu direito.

RAMOS

Mas é um herói! Tem só vinte e dois anos...

LUCAS

Vinte e dois anos e três meses justos.

RAMOS

E é já negociante acreditado
Na praça de São Paulo!

BENJAMIN

Então? já houve
Com essa idade marechais em França!
(*Apertando a mão a Lucas.*)
Eu tenho muita honra em conhecê-lo.

LUCAS

A honra é toda minha, cavalheiro.
(*Angélica, que tem saído, volta e diz baixinho a Ramos.*)

ANGÉLICA

O almoço está servido.

RAMOS

(*Muito alto.*) Meus senhores...

ANGÉLICA

(*Tapando-lhe a boca.*)
Espera que o copeiro dizer venha.

RAMOS (*Baixo.*)

É verdade, o copeiro de casaca...

(Entra o Copeiro.)

Ei-lo! Faz um vistão! Gosto daquilo!

O COPEIRO

O almoço está na mesa. *(Sai.)*

RAMOS

Meus amigos,

Vamos ao nosso almoço, prontamente,

Que já temos o estômago a dar horas.

(Benjamin e César oferecem ambos o braço a Ambrosina.)

BENJAMIN

O meu braço aqui tem, minha senhora.

CÉSAR

Minha senhora, ofr'êço-lhe o meu braço.

AMBROSINA

E agora? Aceito o que chegou primeiro.

(Dá o braço a Benjamin. César dá o braço a Angélica. Saem todos.)

RAMOS *(Saindo, a Lucas.)*

Cada qual no seu gênero, não achas?

LUCAS

Acho.

RAMOS

A Ambrosina escolhe... escolhe um deles!

(Sai.)

LUCAS *(Só.)*

Escolhe um deles? Pois sim!

Meu velho, pelo que vejo,

Perdes o tempo e o latim,

Pra não dizer o badejo.

ATO SEGUNDO

A mesma sala.

CENA I

AMBROSINA (*Entrando.*)

Valha-me a Virgem Maria!
Que grande aborrecimento!
Vim descansar um momento!
De tanta sensaboria
Horrorizada fugi!
Que só de negócios trate
O tal Senhor César Santos!
Cacete conheço uns quantos,
Porém daquele quilate
Confesso que nunca os vi!
E o Benjamin? Que fofice!
Que tipo insignificante!
Não abre a boca o pedante,
Que não diga uma tolice,
Ou que não fale de si,
Das visitas que recebe,
Ou do extrato que o perfuma,
Ou dos charutos que fuma,
Ou dos licores que bebe!
Quantas asneiras ouvi!

CENA II

AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS

Vamos! Então? Que me dizes
De um e de outro namorado?

AMBROSINA

Cada qual mais enjoado!

LUCAS

Pobres moços!... infelizes!...
Pois nenhum deles te agrada?

AMBROSINA

Não.

LUCAS

És muito rigorosa!

AMBROSINA

Seria bem desditosa

Com quaisquer deles casada.

LUCAS

Também vais logo aos extremos!

Pelas impressões primeiras

Incompletas e ligeiras,

Jamais levar nos deixemos...

Gente nova, estranha gente

Não há, que nos apareça,

E aos nossos olhos pareça

Aquilo que é realmente;

Pois nesta coisa medonha,

Que se chama sociedade,

Ninguém sai da intimidade

Sem que uma máscara ponha.

Não julguemos à ligeira;

Toda a gente se mascara:

Uns cobrem parte da cara

E os outros a cara inteira.

Quem se revela maluco

Tem muitas vezes juízo,

E nos parece ter siso

Um velho crânio sem suco.

Finge de franco o sovina,

Faz-se virtude a mazela...

Julgas Penélope aquela?

Repara que é Messalina!

AMBROSINA

Naquele maldito almoço

Muito a custo me contive...

Se o mundo enganado vive,

Não vivo eu!

LUCAS

Ouve...

AMBROSINA

Não ouço!

Defendê-los tu! Que idéia!

És cacete por teu turno!

Toma hoje mesmo o noturno

E volta pra a Paulicéia!

LUCAS

Não vive o mundo enganado,

Não toma a nuvem por Juno:

Diz que o gatuno é gatuno,

Diz que é malvado o malvado,

E, sem que o disfarce o iluda,

Quando o seu chapéu lhes tira,

Cumprimenta uma mentira,

Uma máscara saúda;

Mas não se trata do mundo

E sim do juízo que fazes

Sobre dois pobres rapazes

Que não conheces a fundo.

Durante esse almoço triste,

Que te não deixou saudades,

Não lhes viste as qualidades,

Mais que os achaques não viste...

Quem sabe se os namorados

Produzirão outro efeito

Quando, com arte e com jeito,

Os vejas desmascarados?

AMBROSINA

Com ou sem máscara, dize,

Aquele Manel de Soisa

Me falará noutra coisa

Que não seja o câmbio e a crise?

LUCAS

Vejam que grande desgraça!

Mas esse assunto varia,

Porque, enfim, lá vem um dia

Sobe o câmbio e a crise passa!

AMBROSINA

E o outro?... aquele janota,

De trinta milhões herdeiro,
Vidrinho de água de cheiro,
Fátuo, ridículo, idiota?
De uma penhora estou livre,
Se com tal tipo me caso!

LUCAS

Menina, não faça caso:
Tudo aquilo é *savoir-vivre*.

AMBROSINA

Muito agradecida, Lucas:
Falo-te de coisas sérias,
E com insulsas pilhérias
A quanto eu digo retrucas!
Vou no meu quarto fechar-me!
E que ninguém me apareça!
Estou com dor de cabeça:
Escusam de ir lá chamar-me!
(*Sai arrebatadamente.*)

CENA III

LUCAS (*Só.*)

LUCAS (*Só.*)

Tem razão, coitadinha! Eu, no seu caso,
Também arranjará uma enxaqueca...
Qualquer dos dois galãs é o mais ridículo.
César Santos é todo positivo:
Outro assunto não tem para a palestra
Senão coisas da praça. As raparigas
Antipatizam necessariamente
Com tais assuntos, e falar-lhes nisto
É o mesmo que se a gente as obrigasse
A ler nas folhas tão somente a parte
Comercial. E o Benjamin? Que parvo!
Um fenómeno quase! O próprio Édson,
A matutar, duvido que inventasse
Tão engenhosa máquina de asneiras!
Entretanto quem sabe? os dois rapazes
São talvez excelentes criaturas...
É o que preciso averiguar quanto antes;

Mas para isso necessário fora
Que eu conseguisse conversar com ambos,
Cada um de per si...
(Vendo entrar César Santos.)
Oh, que pechincha!...
O César Santos!... Vou puxar por ele...
Também eu ponho agora a minha máscara.

CENA IV

LUCAS, CÉSAR SANTOS.

CÉSAR
Onde é que se meteu dona Ambrosina?
Vim procurá-la.

LUCAS
Foi para o seu quarto,
Queixando-se de dores de cabeça.

CÉSAR
Está naturalmente aborrecida
Por ter ouvido tantas baboseiras
Do Benjamin Ferraz. Que grande tipo!
Lá o deixei a falar do seu cavalo
Que, a dar-lhe ouvidos, é o melhor do mundo!

LUCAS
Não; ela não se queixa das toleimas
Do Benjamin Ferraz; pelo contrário...
Acha-lhe certa originalidade.
Queixa-se do senhor.

CÉSAR
De mim?

LUCAS
Por certo,
Pois o senhor não vê que a moça é fútil,
E só gosta de ouvir futilidades?
Falta de educação... Oh! eu conheço-a
Desde pequena, e sei dos seus defeitos.
O senhor só conversa em coisas sérias...

CÉSAR

Não há nada mais sério que o comércio.

LUCAS

Pois sim! Vão lá dizer-lho! Não crê nisso!

CÉSAR

Falta-lhe então critério?

LUCAS

Do comércio

Ela só toma a sério os armarinhos

Da Rua do Ouvidor.

CÉSAR

No entanto, julgo

Que o velho Ramos, ferragista honrado,

Foi no comércio que juntou dinheiro,

E do comércio vive, e vive a filha...

LUCAS

Ela quer lá saber dessas bobagens!

CÉSAR

Bobagens?

LUCAS

Esse é o termo que ela emprega.

Falem-lhe em bailes, falem-lhe em teatros!

Bem se lhe dá que o câmbio esteja frouxo,

Ou que encontre na praça tomadores,

Ou que pela manhã subindo a sete,

Baixe de tarde a seis e sete oitavos!

CÉSAR

Tenho pena, confesso: gosto dela,

E dói-me vê-la assim tão leviana.

LUCAS

Gosta dela?

CÉSAR

Decerto; e pretendia
Pedi-la em casamento ao pai.

LUCAS

Deveras?
Que me diz? Nesse caso fiz asneira!
Se de tais intenções eu suspeitasse,
Não me exprimira assim a seu respeito!
Pobre Ambrosina! E ela, com certeza,
Gosta igualmente do senhor!... Que diabo!...
Hei de sempre mostrar-me um criançola!
Tem graça agora se, por minha causa,
Perde Ambrosina um casamento destes!
Senhor, não faça caso do que eu disse!
Ela não gosta do comércio? Embora!
Peça a menina, case-se com ela!
O comércio virá depois... Que bruto
E que indiscreto fui!

CÉSAR

Sossegue, Lucas:
Se ela não me aceitar para marido,
Eu não me atiro ao mar por causa disso.

LUCAS

Ah! bom! já vejo que não gosta dela...

CÉSAR

Gosto... gosto... é bonita... é bem bonita...
Veste-se muito bem... toca piano...

LUCAS

E bandolim também, que é moda agora.

CÉSAR

Se é fútil, não faz mal; bem sei que as moças
São, pouco mais ou menos, todas fúteis!
Sim... depois de casada... em vindo os filhos.
Há de neles pensar, no seu futuro,
E todo o dia, quando eu volte à casa,
Perguntará decerto pelo câmbio.

LUCAS

Sabe que mais? Aqui ninguém nos ouve.
Confesse que se casa co' Ambrosina
Como se casaria... ande, confesse!...
Com qualquer outra moça tão bonita,
Que fosse filha de outro velho Ramos.
(César sorri.)

Este sorriso não me engana: é certo!
(Contendo a indignação.)

Faz você muito bem! (Consinta, amigo,
Que o trate por você...) Todas as moças
São parecidas umas com as outras
Quando se vestem bem, tocam piano
E bandolim. É próprio de pascácios
Preferir esta àquela, desde que haja
Beleza... e dote. Nós, os do comércio,
Mesmo tratando de formar família,
Não nos devemos esquecer que somos
Antes de tudo negociantes...

CÉSAR

Toca!

Tu és da minha escola! Tu consentes
Que eu te trate por tu?

LUCAS

Pois não!! consinto!

CÉSAR

O casamento é uma sociedade;
Toda a mulher é sócia do marido:
Usa e assina o seu nome, e tem metade
De quanto lhe pertence.
Isso é conforme.

LUCAS

De direito é conforme, mas de fato
Tudo o que é dele é dela, e vice-versa.
Logo, é justo não é? que a nossa noiva
Nos traga um capital igual ao nosso.

CÉSAR

Tu tens vinte e dois anos?

LUCAS

E três meses.

CÉSAR

Falas que nem um velho! Não conheço
Quem tão bem raciocine nessa idade!
Se assim pensassem todos, não veríamos
Tantas desgraças que provêm pudera!
Da pobreza dos cônjuges!

LUCAS

Em França
Rapariga não há, bonita embora,
Que sem ter dote casamento arranje.
Aquilo é que é país!

CÉSAR

E no comércio
A francesa é caixeira do marido.

LUCAS

Tinha eu então razão quando dizia
Que a ti tanto te faz uma como outra...

CÉSAR

Tinhas toda a razão. A ti, to digo,
Pois vejo que não és nenhum poeta,
Nem nenhum visionário impertinente,
Que viva numa nuvem cor de rosa.
És de Dona Ambrosina irmão colaço:
Peço-te, pois, que essa impressão destruas
Que nela produzi; dize-lhe Lucas,
Que tenho aspirações, que tenho sonhos,
Eu sou muito capaz de fazer versos.
Numa página até do livro-caixa!

LUCAS

Vai tranqüilo.
(À parte.) Caiu como um patinho,

E por um triz não lhe esmurrei as ventas!

CENA V

LUCAS, CÉSAR SANTOS, JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ, DONA ANGÉLICA.

RAMOS

Então? Que é isso? Desertaram ambos?

ANGÉLICA

Ambrosina onde está, que não a vejo?

LUCAS

Para o seu quarto foi co' uma enxaqueca.

ANGÉLICA

Qual! minha filha nunca teve disso!

LUCAS

Nesse caso, fez hoje a sua estréia.

ANGÉLICA

Valha-me o bom Jesus! vou ter com ela!

LUCAS

Um vidro tenho aqui de sais ingleses...

(Angélica sai sem lhe dar ouvidos.)

RAMOS

Deixe. Não será nada. A senhorita

Bebeu Bucelas e bebeu Colares:

Não estando acostumada a tais misturas,

Sentiu-se incomodada.

CÉSAR

Não; não creia:

Muito pouco bebeu durante o almoço.

(Senta-se a examinar um álbum de fotografias.)

BENJAMIN

Diz muito bem. Nos cálices apenas

Os lábios virginais umedecia.

RAMOS

Gosta de ver retratos, senhor César?

CÉSAR

É divertido.

(Ramos senta-se ao lado de César, e vai lhe mostrando os retratos.)

RAMOS

Aqui me tem, no tempo

Em que eu tinha, talvez, a sua idade.

(Lucas aproxima-se de Benjamin, que está sentado no sofá.)

LUCAS *(À parte.)*

Vou penetrar nesta alma de ocioso.

(Alto, sentando-se ao lado dele.)

Quer saber o motivo da enxaqueca?

Qual mistura de vinhos; qual histórias!

RAMOS

Esta é minha mulher. Foi bem bonita.

CÉSAR

Ainda se parece.

BENJAMIN

Eu desconfio

Que indisposta ficou dona Ambrosina

Por tanto ouvir falar ao César Santos

Em transações da praça.

LUCAS

Pois engana-se.

RAMOS

Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!

LUCAS

Foi o senhor a causa da enxaqueca.

BENJAMIN

Eu? Ora essa! Não compreendo, Explique-se!

RAMOS

A Ambrosina, quando era mais mocinha.

LUCAS

Ela, aqui para nós, é muito tola;
Não gosta de o ouvir falar; diz ela
Que o meu amigo só de si se ocupa.

BENJAMIN

Não costumo falar da vida alheia.

RAMOS

O falecido meu compadre Lopes,
Padrinho da pequena.

CÉSAR

Eu conheci-o.
Teve uma loja de calçado.

RAMOS

É isso.
Na Rua da Quitanda. Era bom homem.

LUCAS

Ela não aprecia o seu estilo...
É tão mal preparada! Só lhe agradam
Palavras corriqueiras... É bonita,
Elegante, não nego, mas que pena!
Falta-lhe o *savoir-vivre*. Uma burguesa!

RAMOS

Este é o Freitas Simões, que foi meu sócio.
Hoje é o senhor visconde d'Alcochete!

BENJAMIN

Pois tenho pena que ela me deteste:
Tencionava pedi-la em casamento.

LUCAS

Pedi-la em casamento? Oh, desastrado!
Meu Deus, fi-la bonita! Meu amigo,
Não faça caso do que eu disse! Pílulas!
Por minha causa perde a rapariga
Um casamento destes! Não! não! casem-se!
Virá depois o *savoir-vivre*! Diabo!...
Hei de ser sempre uma criança estúpida!...

RAMOS

O Gouveia da Rua do Mercado.

BENJAMIN

Não; eu não desanimo por tão pouco,
E lhe agradeço até, meu caro jovem,
Ter-me instruído sobre os gostos dela...

RAMOS

Conhece? É o Nazaré da Rua Sete,
Mas no tempo em que usava a barba toda.

BENJAMIN

Eu tratarei de transformar-me, creia;
Mas se inda assim nas suas boas graças
Não cair, paciência... Outra donzela
Talvez encontre menos exigente.
O que me agrada nela é a formosura
Com que a dotou a natureza pródiga;
Outra coisa não é, porque sou rico,
E ainda espero em Deus herdar bastante,

LUCAS

Em Deus? Sim, tem razão; é Deus quem mata...

RAMOS

Este é o doutor Galvão, que é nosso médico.

BENJAMIN

De bom grado eu seria o seu marido,
Por ser senhora muito apresentável,
Que faria figura no *grand monde*
E enfeitaria bem um camarote
Do Lírico; entretanto, um sacrifício
Não quero que ela faça, está bem visto.

CÉSAR

Este conheço eu muito: é o João Moreira.

BENJAMIN

Modéstia à parte, a um homem desta estofa,
Que é moço, e não é feio, e tem saúde,
E é milionário ou quase milionário,

E viajou por toda a culta Europa,
E anda trajado no rigor da moda,
E faz figura em cima de um cavalo,
E fuma disto...

(Mostra o charuto que fuma, e faz menção de tirar outro da algibeira.)

Quer provar?

LUCAS
Não fumo.

BENJAMIN
A um homem desta estofa nunca faltam
Mulheres que o pretendam, que o disputem,
Que se agatnhem para conquistá-lo!

(Aproxima-se de Ramos e César, que têm acabado de percorrer o álbum.)

LUCAS *(À parte.)*
O outro é tolo e malandro; este é só tolo...
É muito fácil vê-lo pelas costas.

CENA VI

LUCAS, JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS, BENJAMIN FERRAZ, DONA ANGÉLICA.

RAMOS *(A Angélica que entra.)*
Então? Que é?...

ANGÉLICA
Não é nada. Aquilo passa.

RAMOS
Não quero que os amigos se retirem
Sem ver a nossa chácara. Proponho
Um pequeno passeio.

CÉSAR
É bem lembrado.

BENJAMIN
É conveniente um pouco de exercício
Depois do lauto almoço que tivemos,

E ao nosso anfitrião faz tanta honra.

RAMOS

Bondade sua, meu amigo. Angélica,
Vai buscar os chapéus destes senhores.

BENJAMIN *(Indo buscar o seu chapéu.)*

Então? Não se incomode, Excelentíssima!

CÉSAR *(Idem.)*

Oh! pelo amor de Deus, minha senhora!

RAMOS

Vamos! Não vens, Angélica?

ANGÉLICA

Não. Fico
Fazendo companhia à nossa filha.

LUCAS

E eu faço companhia a dona Angélica.

RAMOS

Vamos então nós três. Eu vou mostrar-lhes
Uma nascente de água ali no morro...

(Saem César, Benjamin e Ramos, que continua a falar indistintamente, até que a voz se perca ao longe.)

CENA VI

LUCAS, DONA ANGÉLICA, depois AMBROSINA.

ANGÉLICA

Qual enxaqueca! qual nada!
Ambrosina, meu rapaz...

LUCAS

Santos não quer ser chamada,
Nem ser madame Ferraz.

ANGÉLICA

Sabias?

LUCAS

E uma enxaqueca
Astutamente arranjou,
Para livrar-se da seca
Que o papai lhe reservou.
O Ferraz alambicado
Debalde se encareceu,
E o César pobre coitado!
Chegou, viu, mas não venceu.

ANGÉLICA

Vês que menina exigente?

LUCAS

No seu direito ela está!
É bonita, inteligente,
E tem um dote... oh, lá lá!
Deixe! O que não se faz hoje
Fazer-se pode amanhã...
Sossegue, que não lhe foge
O seu príncipe *Charmant*.

ANGÉLICA

A galope os desenganos
À casa podem chegar...
Ela tem vinte e dois anos:
Não deve mais esperar.

LUCAS

Momento melhor aguarde;
Não é preciso correr.
Espere, que nunca é tarde
Para uma asneira fazer.
Gosto a senhora teria
Se Ambrosina de qualquer
Daqueles tipos um dia
Franqueza! fosse mulher?

ANGÉLICA

Tu não dizes o que sentes:
Dois tipos eles não são.

LUCAS Deixe-se de panos quentes!
É cada qual mais tipão!

ANGÉLICA *(Depois de certa hesitação.)*

Ah! se o meu genro escolhido
Fosse por mim, só por mim,
De minha filha o marido
Serias tu.

LUCAS
Eu?

ANGÉLICA
Tu, sim!

(Ambrosina aparece á porta e escuta o diálogo.)

Que outro genro achar podemos
Melhor do que tu?

LUCAS
Perdão.
Sobre outra coisa falemos.

ANGÉLICA
Não te agrada o assunto?

LUCAS
Não.
E mais na carta não deite...

ANGÉLICA
Ambrosina...

LUCAS
Tá tá tá!
Ela é minha irmã de leite...

ANGÉLICA
Impedimento não há.

LUCAS
Há, e um grande impedimento:
O impedimento moral:
Semelhante casamento

Seria tão desigual...

ANGÉLICA

Desigual por que motivo?

LUCAS

Não é preciso dizer.

ANGÉLICA

És quase um filho adotivo:

Deves ser franco!

LUCAS

Vou ser.

De uma... alugada era filho

Quando nesta casa entrei,

E seria um maltrapilho

Sem a proteção que achei.

ANGÉLICA

És tolo.

LUCAS Se seu marido

Não me desse proteção,

Eu me teria perdido...

ANGÉLICA

Quem sabe? Talvez que não.

LUCAS

Não! Essa idéia me humilha!

Eu não pago tanto amor

Pretendendo a mão da filha

Do meu santo protetor!

ANGÉLICA

Adeus, minhas encomendas!

Não me entendeste, rapaz!

Eu não digo que pretendas,

Pois pretendido serás.

LUCAS

Se eu me casasse com ela,

Que diriam por aí?

O mundo é tão tagarela!

ANGÉLICA

Ora! que diriam?

LUCAS Xi!

“O Lucas, aquele intruso

Noiva e dote abischoitou!

De confiança um abuso

Friamente praticou!

Parecia não ter vícios,

Mas vede o pago que deu

A todos os benefícios

Que do velho recebeu!”

Já vê que esse casamento

De modo algum me convém,

E que todo o fundamento

Os meus escrúpulos têm.

ANGÉLICA

São tolos esses assomos

De dignidade.

LUCAS

Talvez.

ANGÉLICA Nós aqui em casa não somos

Nenhuns fidalgos, bem vê.

Meu marido foi caixeiro

E hoje apenas é patrão,

E meu pai foi sapateiro,

Depois de ser remendão.

Somos, sim, família honesta

E temos alguns vinténs;

Mas, se a fidalguia é esta,

Filho, também tu a tens.

A razão por que não queres

Ser meu genro essa não é;

Mas anda lá! tu preferes

Mentir...

LUCAS

Mentir! eu?

ANGÉLICA Olé!

Apesar de não ser fina,
Claramente vendo estou
Que não gostas de Ambrosina,
Já cá não está quem falou.
(Vai retirar-se, mas Lucas toma-lhe a passagem.)

LUCAS

Não gosto de Ambrosina? Engana-se!
Ambrosina
É a flor que me perfuma, o Sol que me
ilumina!
Supunha o meu afeto apenas fraternal,
Mas hoje, quando entrei, alegre e jovial,
E uma senhora achei na tímida criança
Que do passado meu era a melhor lembrança,
Deslumbrei-me, e senti que uma
transformação.
Meu Deus! se me operava aqui no coração!
Não pode calcular como os dois namorados
Tão senhores de si, risonhos, confiados,
Me encheram de ciúme, e como revivi
Quando por serem tão ridículos, os vi
Perder terreno... Oh, não! não diga, por
piedade.
Que eu não gosto daquela esplêndida beldade!
Eu amo-a loucamente, eu amo-a com fervor!
Amor não pode haver maior que o meu amor!
Mas peço-lhe por Deus que guarde este
segredo
Que murmuro a tremer e balbucio a medo.
Não me devo casar com sua filha, pois
Que um abismo fatal existe entre nós dois!
Se o meu segredo for por mais alguém sabido,
Juro-lhe que disparo um revólver no ouvido!

AMBROSINA.

(Mostrando-se.)
Vamos! Dispara! O teu revólver onde está?
Eu quero ver morrer um homem! Vamos lá!

LUCAS

Ambrosina!

AMBROSINA

Acho bom, porém, que, antes do tiro
Com que te vai matar, demos ambos um giro
Até a pretoria e até a igreja.

ANGÉLICA (*A Lucas.*)

Aí tens:

És noivo; aceita os meus sinceros parabéns.

AMBROSINA

Mau! Feio! Escutei tudo ali daquela porta.
Se não disseses “Amo”, eu cairia morta!
O que te sucedeu me sucedeu a mim:
Se tão cedo não vens, talvez que o Benjamin,
Ou o César um dos dois fosse o meu
noivo agora.
Mas tu chegaste a tempo. Ao ver-te, sem
demora
Me pareceu que Deus te conduzia aqui
Para arrancar-me ao outro e oferecer-me a ti.

ANGÉLICA (*A Lucas.*)

Então? Que dizes tu?

LUCAS Digo... Não digo nada!

Foi de tal modo pelo acaso combinada
Esta cena de amor que ninguém... sim,
ninguém
Me poderá dizer: “Tu não andaste bem”.
Estes castelos no ar é bom que os não
 façamos,
Todavia, sem ter ouvido o velho Ramos.
Não podemos saber como ele acolherá
Esta conspiração...

ANGÉLICA

Eu vou falar-lhe já.

LUCAS

Já? Isso não!

ANGÉLICA

Por quê?

LUCAS

Convém primeiramente

Desiludi-lo de um e de outro pretendente.

Eu disse me encarrego. E só depois que os tais

Sáírem... sairão, e cá não voltam mais,

Prometo-lhes!...

ANGÉLICA

Bem bom! bem bom!

AMBROSINA

Isso me alegra.

LUCAS

Só depois eu farei o meu pedido em regra.

AMBROSINA

E o tiro? Pum!

LUCAS

Dá-lo-ei, se à tua decisão

O velho opõe um veto...

AMBROSINA

Há de lhe dar sanção.

(Ouvem-se vozes.)

ANGÉLICA

Eles de volta aí vêm.

AMBROSINA

(Beijando a mãe.)

Mamãe, muito obrigada.

ANGÉLICA

Se soubessem os dois que a praça foi tomada...

CENA VIII

LUCAS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA, JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS,
BENJAMIN FERRAZ.

RAMOS

Que estopada lhes dei! Confessem ambos!

CÉSAR

Não diga tal! Foi um passeio esplêndido!

BENJAMIN

Tem uma bela chácara. Algum dia
Hei de mostrar-lhe a minha: um paraíso!

CÉSAR

Já ficou boa da enxaqueca?

AMBROSINA

O Lucas
Um remédio me deu de efeito pronto.

LUCAS

(À parte.)
Só me faltava ser antipirina...

CÉSAR *(Com esforço.)*

Numa linda cabeça como a sua,
Onde brilham dois olhos tão formosos,
A enxaqueca devia ser vedada.

AMBROSINA *(Rindo-se.)*

Que bela frase!

CÉSAR *(À parte.)*

Decididamente
Falta-me o jeito para as coisas fúteis!

BENJAMIN

A enxaqueca, senhora, é mal terrível,
Porque desvia do trabalho o cérebro,
E o trabalho é a alavanca do progresso,
É o comércio, a lavoura, a indústria, é tudo!

AMBROSINA *(Rindo-se.)*

Falou bonito!

BENJAMIN (*À parte.*)

Decididamente

Não tenho queda para as coisas sérias!

RAMOS

Mas que remédio milagroso é esse?

Durante o almoço estavas macambúzia

Nem provaste do célebre badejo!

E agora tão risonha achar-te venho!

Verias tu, durante a nossa ausência,

Um passarinho verde?

AMBROSINA

Não vi nada;

Mas o fato é que estou muito contente.

RAMOS

Bom. Nesse caso, vais tocar um pouco

De bandolim. Desejo que os amigos

Antes de nos deixar te batam palmas.

AMBROSINA

Com mil vontades. Senhor César Santos?

Senhor Forjaz?...

BENJAMIN

Ferraz, Excelentíssima.

AMBROSINA

Peço toda a indulgência.

CÉSAR

Oh!

BENJAMIN

Ora essa!

ANGÉLICA

Na sala de jantar corre mais fresco

E o bandolim lá está.

RAMOS

Para lá vamos!

Entrem, senhores meus!

CÉSAR (*Oferecendo o braço a Ambrosina.*)
Minha senhora?

BENJAMIN (*Idem.*)
Minha senhora?

AMBROSINA (*Entre os dois.*)
Dois? Pois bem! não quero
Que nenhum se desgoste por tão pouco,
E aceito o braço que ambos me oferecem.
(*Sai pelo braço de ambos.*)

ANGÉLICA
Malcriados! Esquecem-se da velha!

RAMOS (*Oferecendo-lhe o braço.*)
Aqui tens, minha amiga.

ANGÉLICA
É pão com rosca.

RAMOS (*A Lucas, passando com Angélica pelo braço.*)
Não vens?

LUCAS
Por ora não. Logo que possa
Safar-se, venha ter aqui comigo.
Preciso dar-lhe duas palavrinhas.

RAMOS
Quantas quiseres, Lucas. Até logo.
(*Sai com Angélica.*)

LUCAS (*Só.*)
Que dirás, minha mãe, quando souberes?

ATO TERCEIRO

A mesma sala.

CENA I

LUCAS, só.

(Lucas está olhando para o lado da sala de jantar, de onde chegam os sons de um bandolim.)

LUCAS *(Só.)*

Não há que ver: João Ramos não se lembra
De que o espero aqui há meia hora.
Ele está preso ao bandolim da filha,
O olhar interessado, o ouvido atento,
A boca aberta, as mãos sobre os joelhos.
Oh, que velho tão bom! que pai ditoso!
Neste instante ninguém capaz seria
De arrancá-lo daquele doce enlevo!
Ouvindo aqueles sons melódiosos,
Ele talvez na mente rememore
O tempo em que Ambrosina era assinzinha,
E no seu colo adormecia às vezes.
(O bandolim cala-se. Aplausos.)
Ela acabou. O velho levantou-se.
Para este lado olhou. Viu-me.

(Faz um sinal para dentro.)

Ora graças
Ele aí vem finalmente. Ei-lo comigo.
Queira Deus que lhe agrade a minha idéia.
Do contrário não temos nada feito.

CENA II

LUCAS, JOÃO RAMOS.

RAMOS

Lucas, meu filho, desculpa,
E não me acuses a mim,
Pois quem teve toda a culpa
Foi aquele bandolim.
Quando a pequena dedilha
As duas cordas, sei lá!
Deixa de ser minha filha:
É um anjinho que aí está!

Minh'alma sinto levada
Para outro mundo melhor;
Não vejo nem ouço nada
Do que se passa em redor!
Se o copeiro me dissesse:
"Há fogo em casa, patrão!"
Talvez por isso não desse,
Nem lhe prestasse atenção!
Não me queiras mal, portanto,
Se mais depressa não vim;
Quem te fez esperar tanto
Foi aquele bandolim.

LUCAS
Mas vamos ao que se trata.

RAMOS
Estou sempre ao teu dispor.
Alguma negociata
Tu me desejas propor?
Queres que eu seja teu sócio?

LUCAS
Não senhor; para tratar
Aqui de qualquer negócio,
Havia de procurar
Ocasião mais propícia,
Sem César nem Benjamin,
E não iria à delícia
Roubá-lo do bandolim.

RAMOS
Oh, meu rapaz! tu me assustas!
Onde queres tu chegar?

LUCAS
Sossegue; as almas robustas
Não têm de que se assustar.
Uma inverossimilhança,
Que poderá fazer rir,
É não acha? uma criança
A um velho os olhos abrir;
No entanto, o fato é patente!

RAMOS

Mas não me dirás, enfim?...

LUCAS

Trata-se precisamente
Da dona do bandolim.
Dos dois moços namorados,
Que hoje almoçaram aqui,
Já foram bem estudados
Pelo senhor?

RAMOS

E por ti?

LUCAS

Por mim o foram, e juro
Que nenhum deles convém!

RAMOS

Ó Lucas, eu te asseguro
Que são dois homens de bem!

LUCAS

É César Santos matreiro
Um caça-dotes ruim,
Que faz questão de dinheiro
E não faz de bandolim!

RAMOS

Semelhante impertinência
Me espanta nos lábios teus!

LUCAS

Proponho uma experiência
E o aconselho...

RAMOS

Ora adeus!
Dás-me um conselho? Ao que vejo,
Inverteram-se os papéis!

LUCAS

Mal empregado badejo
De vinte e cinco mil réis!

(Ouve-se o bandolim.)

RAMOS

Deus te dê o que te falta!

Ouves?

LUCAS

Ouço.

RAMOS

Plim, plim, plim!

Sabes que mais, meu peralta?

Não resisto ao bandolim

(Quer retirar-se. Lucas toma-lhe a passagem.)

Venha cá! Falo sério! Não se ria!

César Santos não gosta de Ambrosina,

Ou antes, gosta, como gostaria

De outra qualquer menina

Que fosse linda e que tivesse dote...

Ele quer dar-lhe um bote!

RAMOS

Mas como sabes disso?

LUCAS

Ele em pessoa

Me declarou que assim pensava.

RAMOS

É boa!

LUCAS

Fingi-me um patifão da sua laia;

Captei-lhe a confiança prontamente,

E dei-lhe um vomitório de poaia.

RAMOS

E vomitou?

LUCAS

Duvida!... O Lucas mente?...

RAMOS

Não vês que isso foi pala?
Quis brincar, está visto!

LUCAS

Pois bem, eu pela experiência insisto!

RAMOS Lá vem de novo a experiência! Fala!
Como é que me aconselhas que manobre?

LUCAS

Chame-o de parte e diga-lhe que é pobre,
Que sua filha não tem dote... Invente!...
E se ele, ouvindo essa tremenda história,
Não se puser ao fresco *incontinenti*,
As mãos entregarei à palmatória.

RAMOS

Em todo o caso, é boa essa armadilha,
Porque me custaria ver casada,
Por ter um dote apenas, minha filha,
Quando com tantos outros é dotada...

LUCAS

Eu vou lá para dentro e aqui lho mando.
Mas não tenha vergonha:
Invente uma catástrofe medonha.
Suspire, se puder de vez em quando...
Coisas dirá incríveis, conjecturo;
Não se importe: ele é homem
Desses que todas as araras comem
E que o reino do céu tem já seguro
Diga que o jogo e os seus fatais caprichos
Levaram-lhe a maquia;
Que cem contos de réis perdeu nos bichos,
Cem na roleta, cem na loteria,
E cem na Bolsa!

RAMOS

Xi! que jogatina!
E o Benjamin Ferraz?

LUCAS Ora! Ambrosina
Já tem um bandolim: outro dispensa.

RAMOS
Achas então que o moço?...

LUCAS
É mesmo um bandolim... de carne e osso.
Esse em dote não pensa.

RAMOS
Eu creio mesmo que não pensa em nada.

LUCAS
Mas fica essa figura reservada para depois.
Eu vou mandar-lhe o tipo.
Meus parabéns sinceros lhe antecipo. *(Sai)*

CENA III

JOÃO RAMOS, (Só)

RAMOS *(Só.)*
É levado da breca este meu Lucas!
Mas não é que ele teve uma lembrança
Que não acudiria a toda a gente?
Eu vou mentir... mas, ora adeus! se o faço,
É para o bem da minha filha amada,
E a mentira que vou pregar só pode
Prejudicar o próprio mentiroso,
Pois se a pílula engole o César Santos,
Vai dizer por ai que estou quebrado;
Mas como a ninguém devo, que me importa?
Ele aí vem. Temos cena de comédia!
Coragem! vou pregar uma mentira
Pela primeira vez na minha vida...

CENA IV

JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS.

CÉSAR

Desejava falar-me, senhor Ramos?

RAMOS

Desejava falar-lhe, senhor César.

(Dando-lhe uma cadeira.)

Tenha a bondade, sente-se.

CÉSAR

Obrigado.

(Senta-se. Ramos senta-se também.)

Estou às suas ordens.

RAMOS

Meu amigo,

O senhor, uma noite, no Cassino,

Minha filha encontrou, dançou com ela,

E no dia seguinte pela porta

Começou a passar de nossa casa

Todas as tardes, mesmo se chovia.

Se à janela a pequena me bispava,

Tirava-lhe o chapéu amavelmente,

E lhe sorria assim de certo modo...

Achando no senhor um bom partido,

Por saber, de pessoas fidedignas,

Que está perfeitamente encaminhado,

Para almoçar comigo convidei-o,

E preparei um succulento almoço

Com algum sacrifício...

CÉSAR *(À parte.)*

Sacrifício?

RAMOS

Para não parecer que eu convidava

Um namorado, e lhe impingia a filha,

O Benjamin Ferraz, aparecendo,

Foi também convidado.

(À parte.) Esta mentira

Não estava no programa.

(Alto.) O que eu queria,

Trazendo-o para junto de Ambrosina,

Era fazer com que se aproximassem

E se entendessem de uma vez por todas.

Ficam-lhe abertas desta casa as portas.

CÉSAR (*Erguendo-se.*)

Muito obrigado, senhor Ramos.

RAMOS Sente-se.

(*César senta-se.*)

Antes, porém, que as coisas vão mais longe,

Uma revelação fazer-lhe quero

Imposta pela minha lealdade.

(*À parte.*) Lá vai!

(*Alto.*) Sou pobre.

CÉSAR (*Erguendo-se como tocado por uma mola.*)

É pobre!

RAMOS

Muito pobre.

Infelizmente perdi tudo. Sente-se.

CÉSAR (*Seco.*)

Estou perfeitamente.

RAMOS (*Erguendo-se.*)

Nesse caso,

Levanto-me eu também, meu caro amigo.

CÉSAR Mas como foi?...

RAMOS

Cavalarias altas!

Joguei na baixa.

CÉSAR

E perdeu tudo?

RAMOS

Tudo,

A começar pelo juízo... Apenas

Desse naufrágio me escapou a honra.

CÉSAR (*Naturalmente.*)

Mas de que vale a honra sem dinheiro?

RAMOS (*Depois de estremecer como se o esbofeteassem.*)

Basta! não é preciso ouvir mais nada!
Lucas, vem cá!

CÉSAR
Que significa isto?

RAMOS
A experiência fica em meio apenas.

CENA V

JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS, LUCAS.

RAMOS *(A Lucas que entra.)*
Imaginavas que este sujeitinho,
Ouvindo-me dizer que eu era pobre,
Ao fresco se pusesse *incontinenti*;
Pois bem: sou eu, vais ver, que o ponho fora
Da minha casa honrada, e, se o não ponho
A pontapés, é porque nesta idade
Não há mais pontapés que deixem marca!

CÉSAR
Senhor!

RAMOS *(A Lucas.)*
Quando eu lhe disse que era pobre,
Mas que era honrado, respondeu-me, filho,
Que a honra nada vale sem dinheiro!

LUCAS
O dinheiro sem honra há quem prefira.
(Vai buscar a bengala e o chapéu de César Santos.)

RAMOS
Saia já desta casa!
(Movimento de César. Com mais força.)
Saia!

LUCAS
Saia...
E nada lhe responda: é o mais prudente.

(César encolhe os ombros, toma o chapéu e sai com arrogância. João Ramos fica muito agitado, a percorrer a cena.)

CENA VI

JOÃO RAMOS, LUCAS.

RAMOS

Que cinismo! que despejo!...
Quatro murros merecia!...

LUCAS

Então? eu não lhe dizia?
Mal empregado badejo!
Vamos lá! Não se apoquente,
Que está salva a sua filha...
Mas olhe que se ele a pilha!...

RAMOS

Não a pilhou felizmente!

LUCAS

Temos o outro namorado
E uma nova experiência...

RAMOS

Mas esse tem paciência
É moço muito educado,
Incapaz de dar-me um couce
Como aquele sevandija!

(Falando para a porta por onde César saiu.)

Há de haver quem te corrija,
Meu descarado!

LUCAS

Acabou-se.
Não se trata desse agora,
Mas do bandolim Ferraz...

RAMOS

Que também me deixe em paz!
Que também se vá embora!

Se um bruto casa com ela,
Um dia prego-lhe um tiro!

LUCAS
Esteja calmo.

RAMOS
Prefiro
Que vá de palma e capela
Quando morrer!
(Pausa, durante a qual o velho procura serenar-se.)
Mas que dizes
Do tal namorado piegas?
Já agora acredito às cegas
Em tudo de que me avises!

LUCAS
Não creio que ele pratique
Uma ação indecorosa:
Mas é muito tolo... é prosa...
Presta-se muito ao debique,
E de ridículo a dose
Que traz em si, permanente,
Refletirá fatalmente
Sobre a mulher que ele espose.
Há de ser um desconsolo,
Meu caro, que a filha sua,
Sempre que sair à rua
Vá pelo braço de um tolo.
Ele tem muitas patacas,
E ainda há de herdar de uns matutos,
Para comprar mais charutos
E novas sobrecasacas;
Mas todo esse cobre junto,
Toda essa bela milhança,
Entrando em conta a esperança
Dos sapatos de defunto,
Que vale nas mãos de um homem
Desses e é grande a cambada!
Que, não produzindo nada,
Enormemente consomem?
Quem vive dessa maneira,
E do seu fausto se gaba,
Por via de regra acaba

Por não ter eira nem beira.
Ambrosina coisa horrível!
Nas mãos desse desfrutável,
Tem a pobreza provável,
Tem a miséria possível!

RAMOS (*Erguendo-se.*)
Qual há de ser o espantalho?

LUCAS
À puridade lhe diga:
“Quer casar coa rapariga?
Pois bem: procure trabalho!”
Se o senhor assim o avisa,
Faço todas as apostas
Em como, voltando as costas,
Ele aqui nunca mais pisa.

RAMOS
Pois manda-o cá!

LUCAS
Vou mandá-lo.
Verá como a coisa pega!
Fale-lhe teso!

RAMOS
Sossega:
Teso, bem teso lhe falo! (*Lucas sai.*)

CENA VII

JOÃO RAMOS, (só).
Oh! venturoso o pai que lhe entregar a filha!
Vinte e dois anos só! Quando este bigorriha
Contar os que já conto, há de ser um portento!
Aquilo sim, senhor, aquilo é que é talento!
É ele a boca abrir, são flores e mais flores!
Até me faz lembrar Jesus entre os doutores!
Devia tê-lo feito entrar na Academia...
Que brilhante orador, que bacharel daria!...

CENA VIII

JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ.

RAMOS

Venha, meu caro amigo, e me desculpe
Se o privei de mais doce companhia;
Mas é preciso que nos entendamos
Sobre assunto que muito me interessa.

BENJAMIN

Antes de prosseguir, Senhor João Ramos,
Cumprimentá-lo quero entusiasmado:
Tem uma filha verdadeiramente
Artista; o bandolim, nas delicadas
Mãos de dona Ambrosina, diviniza-se!
Ouvi três peças cada qual mais bela!
Que brio! que expressão! que sentimento!...

RAMOS

Gosta muito de música?

BENJAMIN

Muitíssimo.

RAMOS

E que instrumento é o seu?

BENJAMIN

Nenhum.

RAMOS

É pena.

BENJAMIN

Mas tive um primo que tocava flauta.

RAMOS

Queira sentar-se aqui nesta cadeira,
E prestar-me atenção.

BENJAMIN *(Sentando-se.)*

Sou todo ouvidos.

RAMOS (*Depois de sentar-se também.*)

Há quinze dias, no Teatro Lírico,
Num camarote eu estava coa família
E o senhor na platéia.

BENJAMIN

A companhia
Cantava o *Mefistófeles*, de Boito.

RAMOS

Mas o senhor pouca atenção prestava
À Margarida, ao Fausto e ao Mefistófeles,
E do meu camarote não tirava
Os olhos, com binóculo ou sem ele.
Bom. Nós éramos três no camarote...

BENJAMIN

O senhor, a senhora dona Angélica
E a nossa genial bandolinista.
RAMOS Ora, não creio que os olhares fossem
Dirigidos a mim, que sou marmanjo,
Nem a minha mulher, que é mulher velha;
Não é preciso, pois, ser muito esperto
Para ver que o seu alvo era Ambrosina.
(*Benjamin sorri.*)
Acabado o espetáculo, na porta
O senhor esperou por nós... por ela,
Quero dizer, e suspirou tão alto,
Que a atenção provocou de toda a gente!

BENJAMIN (*Suspirando.*)

Ai! não sei suspirar de outra maneira!

RAMOS (*À parte.*)

Vá suspirar pro diabo que o carregue!
(*Alto.*) Já na manhã seguinte o seu cavalo
Passava com o senhor em cima dele,
E nas outras manhãs esse passeio
Reproduzido foi às mesmas horas.
E se à janela minha filha estava,
O senhor lhe fazia um cumprimento,
Caracolando com mais graça, e ela
Correspondia ao cumprimento.

BENJAMIN

Vejo

Que tudo sabe.

RAMOS

Eu sou bom pai.

BENJAMIN

Decerto.

RAMOS Achando no senhor um bom partido,
Para almoçar comigo convidei-o,
E, pra não parecer que convidava
Um namorado e lhe impingia a filha,
O César Santos...

BENJAMIN

Onde está?

RAMOS

Muscou-se

(Continuando.)

Muscou-se

O César Santos, que conosco estava,
Foi também convidado. O que eu queria,
Trazendo-o para junto de Ambrosina,
Era fazer com que se aproximassem
E se entendessem de uma vez por todas.

BENJAMIN *(Erguendo-se.)*

Senhor João Ramos, eu não sei quais sejam
Os sentimentos dela a meu respeito,
Porque, se bem que nos aproximássemos,
Inda não conversamos um com o outro;
Se ela quiser ser minha esposa amada
E da minha riqueza ter metade,
O mais feliz serei dos namorados;
Se não quiser, o mais inconsolável.
Inda há poucos momentos eu gostava
De sua filha pela formosura
Com que a dotou a natureza apenas;
Mas depois que a ouvi, arrebatado,
Naquele doce bandolim, que as pedras,
Como a lira de Orfeu, mover podia,

Sinto aqui dentro uma impressão mais forte!
Isto é amor, não é namoro; isto
É mais que amor, talvez; paixão, quem sabe?

RAMOS (*Erguendo-se.*)

Paixão? Não exagere meu amigo!

BENJAMIN (*Idem.*)

As paixões, meu senhor, assim começam.

O que é preciso para transformar-nos?

Um simples bandolim!

BENJAMIN

Antes que as coisas

Vão mais longe, meu caro, é indispensável

Que sobre um grave assunto conversemos,

Muito mais positivo e mais...

BENJAMIN

Permita

Que o interrompa. Eu sei de que se trata.

Sou rico, sou riquíssimo: não quero

Coisa nenhuma. Ela tem dote? Guarde-o!

Nada tenho com isso. O meu dinheiro

De nós ambos será. Divido tudo;

Só não divido o coração, que é dela!

RAMOS (*À parte.*)

O Lucas enganou-se.

BENJAMIN

Ela que faça

Do dote o que quiser. O meu desejo

Era esposar uma donzela pobre...

Dona Ambrosina tem um patrimônio

No nome de seu pai: isso me basta,

Porque dote melhor não há que a honra.

RAMOS (*Entusiasmado.*)

Sim, senhor! Isto é que é falar! Amigo,

Quero apertá-lo nos meus braços! Viva!

(*Depois do abraço.*)

Mas não é disso que eu tratar queria...

BENJAMIN

Então fale, senhor! Ordene! Imponha
As condições que desejar, contanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ela!
A tudo estou disposto!

RAMOS

A tudo?

BENJAMIN

A tudo!

RAMOS

A trabalhar também?

BENJAMIN

Eu não percebo.

RAMOS

Vai perceber. Exijo que o meu genro,
Embora seja rico, muito rico,
Tenha um meio de vida; que trabalhe;
Que em qualquer coisa ocupe a inteligência,
E que produza, não consuma apenas.

BENJAMIN

Aceito a condição. Não tenho jeito
Para coisa nenhuma nesta vida,
Mas estou pronto a trabalhar!

RAMOS

Deveras?

BENJAMIN

Faço-me industrial: monto uma fábrica,
Ou lavrador e compro uma fazenda,
Ou negociante e abro uma casa.

RAMOS

Bravo!

BENJAMIN

Se o senhor consentir, serei seu sócio
Na loja de ferragens.

RAMOS

Bela idéia!

BENJAMIN

Ou serei simplesmente seu caixeiro,
E a vida levarei a contar pregos!
Finalmente, disponho-me ao trabalho!

RAMOS

Trabalhará?

BENJAMIN

Trabalharei, contanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ela!

RAMOS

Dê-me algum tempo. Vou pensar no caso.
(*À parte.*) Pois já não me parece tão ridículo!

BENJAMIN

Oh! temos muito tempo: este pedido
Não é ainda o oficial; se o fosse,
Eu seria incorreto. Ao vir pedir-lhe
Oficialmente a mão de sua filha,
Vestirei a casaca e trarei luvas.
(*Vai sentar-se a examinar o álbum.*)

RAMOS (*À parte.*)

Voltou a ser ridículo, coitado!

CENA IX

JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ, LUCAS, depois AMBROSINA, depois DONA ANGÉLICA.

(Lucas entra e, admirado de encontrar Benjamin, dirige-se a João Ramos.)

LUCAS
Então ele ficou?

RAMOS
Meu filho, o resultado
Da experiência foi o mais inesperado!

LUCAS
Que me diz o senhor?

RAMOS
O pobre Benjamin,
Depois que minha filha ouviu ao bandolim,
Deitou paixão violenta, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

(Afasta-se e vai para junto de Benjamin.)

LUCAS *(À parte.)*
Maldito bandolim! desperta uma paixão
Que vai dificultar a minha situação!

(Ambrosina entra e, admirada de encontrar Benjamin, dirige-se a Lucas.)

AMBROSINA
Então ele ficou?

LUCAS
Menina, o resultado
Da experiência foi o mais inesperado!

AMBROSINA
Lucas, que estás dizendo?

LUCAS
O nosso Benjamin...

AMBROSINA
Acaba! Ele que fez?
LUCAS Graças ao bandolim,
Deitou paixão por ti, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!
(Afasta-se.)

AMBROSINA (*À parte.*)

Maldito bandolim! Se adivinhasse tal,
Ou eu não tocaria ou tocaria mal!

(*Entra dona Angélica e, admirada de encontrar Benjamim, dirige-se a Ambrosina.*)

ANGÉLICA

Então ele ficou?

ANGÉLICA

Mamãe, o resultado,
Da experiência foi o mais inesperado!

AMBROSINA

Que estás dizendo, filha?

AMBROSINA

O senhor Benjamin,
Quando me ouviu tocar, deitou paixão por mim!

ANGÉLICA

Paixão?

AMBROSINA

Paixão violenta! E ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

ANGÉLICA

E que intentas fazer?

AMBROSINA

Com ele conversar.
Livres do apaixonado havemos de ficar.
Leve papai pra dentro e tudo lhe revele...
Diga que o Lucas me ama e que eu sou noiva dele.

LUCAS (*Descendo entre as duas senhoras.*)

Que estão a cochichar?

Vai lá pra dentro, vai!

Lá irá ter mamãe, lá irá ter papai.

LUCAS Com ele ficas só? Vê lá o que vais fazer!

AMBROSINA

Nesta combinação não tens que te meter.

(Lucas encolhe os ombros e sai.)

Chame papai.

ANGÉLICA

Ó João, vem cá; de ti preciso

Na sala de jantar.

RAMOS

(Erguendo-se, à parte.)

Oh, que mulher de juízo!

Já tudo compreendeu... e quer deixá-los sós.

(A Angélica.)

(Angélica sai. A Ambrosina.)

Um maridão! *(Sai.)*

AMBROSINA

Pois sim!

(Olhando para Benjamin.)

Agora nós!...

CENA X

BENJAMIN FERRAZ, AMBROSINA.

(Benjamin está tão entretido com o álbum, que Ambrosina se aproxima dele sem ser pressentida.)

AMBROSINA

Senhor Ferraz?

(Benjamin estremece, levanta-se e deixa o álbum.)

BENJAMIN

Minha senhora?

Ninguém aqui?... Ninguém!... Só nós!...

(Quer retirar-se.)

AMBROSINA

Oh! venha cá..... não vá-se embora...

Meto-lhe medo?

BENJAMIN
Estamos sós...

AMBROSINA
Não é razão para fugir-me.

BENJAMIN
Mas eu não devo aqui ficar.
Do *savoir-vivre* às leis sou firme!
Vou para a sala de jantar.

AMBROSINA
Espere... Peço-lhe que fique...

BENJAMIN
Devo, portanto, obedecer.

AMBROSINA
É necessário que eu lhe explique...
Tenho uma coisa que dizer.

BENJAMIN
Tremendo estou! De que se trata?

AMBROSINA
Dessa... paixão que tem por mim.

BENJAMIN
Paixão terrível, insensata,
Que devo àquele bandolim!

AMBROSINA
Pois bem, senhor: de mim se esqueça...
Não alimente essa paixão...
Busque outra moça que o mereça
E tenha livre o coração!

BENJAMIN
Porém seu pai, minha senhora...

AMBROSINA
Só do que é seu pode dispor:
Não quererá impor-me agora

Um casamento sem amor!

BENJAMIN

Essas palavras, proferidas
Pelos seus lábios virginais,
São cruéis armas homicidas!
Não são palavras: são punhais!

AMBROSINA

Esta satisfação aceite...

BENJAMIN

Quem é, senhora, o meu rival?

AMBROSINA

Lucas, o meu irmão de leite.

BENJAMIN

Ele?! No entanto...
(*À parte.*) Então? que tal?
(*Alto.*) Amam-se?

AMBROSINA

Oh! desde pequenos!

BENJAMIN (*Levando a mão ao peito.*)

Data, senhora, esta afeição
De menos tempo...

AMBROSINA

Muito menos.

BENJAMIN

Mas não tem menos intenção!

AMBROSINA

Senhor não vá ficar magoado,
O *savoir-vivre* assim o quer...
Quem o lugar achar tomado,
Outro procure se quiser.

BENJAMIN

Diz muito bem.
(*Vai buscar o chapéu e a bengala.*)
Oh! fados cegos!

Mágoa cruel comigo vai!
E eu estava pronto a contar pregos!
A ser caixeiro de seu pai!
(*Limpa uma lágrima.*)

AMBROSINA
Outra o compreenda! outra o console!

BENJAMIN
Vou viajar, pois só assim
Do peito meu talvez se evolue
O último som do bandolim!
Adeus, ó sonho meu perdido!

AMBROSINA
Não se despede de meus pais?

BENJAMIN
Bastantemente despedido
Já estou aqui. Para que mais?
Que Deus a faça venturosa
Hei de a rezar pedir a Deus!
Adeus, quimera cor de rosa!
Sonho... ilusão... visão, adeus! (*Sai.*)

AMBROSINA (*Só.*)
Pobre rapaz!

CENA XI

AMBROSINA, JOÃO RAMOS, LUCAS, DONA ANGÉLICA, depois o COPEIRO.

RAMOS
Ambrosina!
Vem cá, filhinha, vem cá!

ANGÉLICA
Não assustes a menina!

RAMOS
O Benjamin onde está?

AMBROSINA

Deixou-lhe muitas lembranças.

LUCAS

Foi-se?

AMBROSINA

Foi... rezar por mim

RAMOS

Oh, senhor, estas crianças!

Coitado do Benjamin!

ANGÉLICA

Mas tu... tu nada nos dizes?

RAMOS

Mulher, que posso eu dizer?

Felizes, muito felizes

Conto que ambos hão de ser.

(Entre Lucas e Ambrosina.)

Mas como nem um momento

Eu me lembrei, filhos meus,

De que era este casamento

Aconselhado por Deus?

Como visse os dois maganos

Crescerem nas minhas mãos,

Durante vinte e dois anos

Considerarei-os irmãos!

Não me entrou na fantasia,

Nem um minuto sequer,

Que dois irmãos algum dia

Fossem marido e mulher!

E eu, tonto, andava à procura

De um genro na multidão,

Sem reparar que a ventura

Tinha ao alcance da mão!

(Deixando-os.)

A culpa tiveste-a, Lucas!

Não foste franco, por quê?

E vocês, suas malucas,

Tiveram medo, de quê?

LUCAS

Temiam que o casamento

Não lhe agradasse talvez...

RAMOS

Se não há impedimento!
Valha-me Deus, que vocês!...
Que todo o mundo respeite
A suspirada união!
Beberam do mesmo leite?
Pois comam do mesmo pão!

O COPEIRO

(Entrando.) O jantar está na mesa.

RAMOS

Sim, senhor. Pode sair,
Mas vá, com toda a presteza,
Essa casaca despir!
(O Copeiro sai.)
As etiquetas dispenso!
Eu para luxos não dou!

ANGÉLICA

Do badejo que era imenso,
Um bom pedaço ficou.

RAMOS

Do tal almoço é sobejo!
Manda-o da mesa tirar!
(Dona Angélica sai.)

LUCAS

Mal empregado badejo!

RAMOS

Meus filhos, vamos jantar.

[CAI O PANO]